

AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS DA LITERATURA ALEMÃ NO BRASIL

THE FIRST HISTORIES OF GERMAN LITERATURE IN BRAZIL

Pedro Theobald
PUCRS*

Resumo: O presente artigo dedica-se ao estudo de formas menos convencionais da historiografia da literatura alemã no Brasil: as traduções de histórias escritas em outras línguas e os capítulos em livros de história da literatura universal. Presentes em nossa historiografia literária desde meados do século XIX, essas formas evoluíram ao longo do século XX e constituíram o único modo de acesso ao relato histórico-literário até 1936, quando se publicou a primeira história da literatura alemã escrita no Brasil e em português. Observam-se aqui as contribuições comparatistas e os conceitos de historiografia que orientaram esses textos.

Palavras-chave: Historiografia literária; Literatura alemã; Estudos comparados; Tradução.

Abstract: This article is dedicated to the study of less conventional ways in which the historiography of German literature in Brazil was presented: the translations of literary histories written in other languages and the chapters in books about the history of universal literature. Present in our literary historiography since the mid-nineteenth century, these forms evolved throughout the twentieth century and constituted the only way of access to the historical-literary report until 1936, when the first history of German literature written in Brazil and in Portuguese was published. Here, we observe the comparative contributions and the concepts of historiography that guided these texts.

Keywords: Literary historiography; German Literature; Comparative studies; Translation.

INTRODUÇÃO

Embora constituam o meio mais conhecido de divulgação de conhecimento a respeito das literaturas estrangeiras, as histórias de literatura não constituem o único recurso da historiografia literária. Das resenhas às críticas em jornais e periódicos, dos artigos em revistas acadêmicas às dissertações e teses, a historiografia se faz por muitas vias, com graus de permeabilidade diversos nos diferentes segmentos da sociedade leitora. Este artigo se ocupa de duas das formas menos convencionais de obter e conferir acesso às sínteses da literatura alemã: as histórias de literatura traduzidas de diferentes idiomas e os capítulos em obras de história da literatura universal produzidas em nossa língua¹.

* Professor adjunto na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, pesquisa sobre Literatura e História e Estudos de Tradução. E-mail: perth@pucrs.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6920-2669>.

¹ O presente artigo foi desenvolvido a partir de um dos capítulos de minha tese de doutorado (SOBRENOME, 2008).

A importância das traduções e das histórias da literatura universal parece ter sido acentuada em relação à literatura alemã no Brasil, tanto pela dificuldade de acesso ao conhecimento do idioma para ler as obras no original quanto pela escassez das traduções de obras literárias. O ambiente se modificaria com a introdução dos cursos universitários de Filosofia e Letras, na década de 1930. Foi nesse contexto que apareceu, em 1936, a *História da literatura alemã*, de Thiago Würth (WÜRTH, 1936, 1937), o primeiro empreendimento dessa natureza no país. Depois disso, até 1964, tivemos mais três sínteses: duas de Frei Mansueto Kohnen (KOHLEN, 1948 e 1949, esta ampliada de 1959 a 1964) e uma de Wira Selanski (SELANSKI, 1959). Na década de 1960 foram criados os cursos de pós-graduação na área das línguas germânicas, o que ocasionou um aperfeiçoamento dos critérios e uma revisão das histórias da literatura escritas até então e a produção de novo material historiográfico. Essa é a razão por que o presente artigo contempla apenas os textos produzidos nessa primeira fase dos estudos da literatura alemã em nosso país, que se estende de fins do século XIX até 1964.

O interesse dos textos aqui estudados é hoje de natureza histórica, cultural e talvez filológica. Podem-se verificar não só os métodos historiográficos em voga na época de produção das obras, mas a percepção que se tinha das questões sociais e políticas que envolvem o conhecimento de uma literatura estrangeira. Vinculadas com isso estão os aspectos de mediação que se fazem presentes toda vez que falamos de tradução. É a essas questões e aspectos que daremos atenção no estudo que se segue.

HISTÓRIAS TRADUZIDAS DE DIFERENTES IDIOMAS

Histórias da literatura alemã traduzidas de outras línguas fazem parte do cenário brasileiro há muito tempo, sendo de notar-se, em um primeiro período, que se estende da década de 1930 à de 1960, especialmente a de J. F. Angelloz (1956). É significativo que não houvesse – ou pelo menos não se pôde encontrar – até esse ano nenhuma história da literatura traduzida diretamente do alemão. Por outro lado, como revelam bibliografias de obras brasileiras da época, tinham circulação por aqui histórias da literatura traduzidas do alemão para o espanhol.

A tradução, um dos recursos mais comuns do intercâmbio literário, não mostrou pujança nos primeiros séculos das relações literárias entre Brasil e Alemanha. É certo que eram lidas desde o século XIX obras literárias em traduções portuguesas, haja vista a tradução do *Fausto* de Goethe pelo poeta português Antônio Feliciano de Castilho, e que até mesmo na província se aventurassem os poetas a traduzir, com bons resultados, os

grandes da poesia alemã. Citem-se Tobias Barreto, no interior de Pernambuco, e Bernardo Taveira Júnior, no interior do Rio Grande do Sul. No capítulo das histórias da literatura, encontram-se, de fato, poucas traduções, e nenhuma delas, nessa fase, realizada diretamente do alemão.

A literatura alemã (ANGELLOZ, 1956) foi traduzida do original francês². Embora de pequeno porte e dirigida ao público em geral, essa obra de divulgação foi várias vezes listada entre as fontes dos autores brasileiros de histórias da literatura alemã (SELANSKI, 1959; ROSENTHAL, 1968; id., 1980). Alguns de seus aspectos serão destacados a seguir.

Tradicional quanto à divisão, torna-se mais imprecisa quanto às designações do século XX, onde encontramos os capítulos “A época contemporânea” e “A atualidade”. Levado em consideração o ano da edição francesa, 1948, é explicável a cautela do autor quanto aos movimentos literários recentes: ocorridos no entre-guerras, não haviam ainda recebido da crítica uma avaliação segura.

Mais interessantes da perspectiva comparativista são certas observações genéricas a respeito da literatura alemã, como esta, do “Preâmbulo”:

Não espere o leitor encontrar uma literatura de desenvolvimento contínuo, como a francesa! Com efeito, em vez de uma ‘Renascença’, perceberá, do século XV ao XVIII, uma vasta depressão. O fim da Idade Média, com seu aburguesamento progressivo, a Reforma, [...] dividem a literatura alemã em dois grandes períodos. Um, o da floração do século XIII, é principalmente o domínio do especialista ou do curioso; o segundo, o prodigioso desabrochar do século XVIII, é uma das mais belas épocas do espírito humano (ANGELLOZ, 1956, p. 7s.).

A ausência de uma Renascença, isto é, de um período conhecido por grandes produções, também distingue a literatura alemã de outras literaturas, como a italiana e a inglesa. Lembremo-nos de que o século XVI, quando a Alemanha encontrava sua língua literária com o reformador religioso Martinho Lutero, é o do teatro elisabetano de Shakespeare e Marlowe, e de que, bem antes, o “Cinquecento” italiano já produzira autores como Maquiavel, Ariosto e Torquato Tasso. Por outro lado, a literatura da Idade Média Alemã encontra poucos leitores modernos, que estão principalmente nas universidades. Da mesma forma, o século XVIII continua a despertar a admiração do leitor estrangeiro, e só recentemente, com o questionamento da historiografia positivista, se passou a criticar as épocas do chamado “florescimento”, de que o termo “desabrochar” constitui apenas o anúncio. Angelloz prossegue:

Por outro lado, o interesse da literatura alemã é de ordem ideológica, tanto quanto literária. Os alemães não têm, no mesmo grau que os franceses, o culto da forma e seus escritores raramente são ‘estilistas’. Ao contrário, o

² *La Littérature allemande*. Paris: PUF, 1948 (Col. Que sais-je?).

pensamento e a vida unem-se neles estreitamente à arte. [...] Vida e morte, amor e desdobramento, terra natal e universo, cristianismo e panteísmo, eis as principais antinomias diante das quais ele se vê colocado, [...] tal é a polaridade da literatura alemã. Aqui reside, talvez, seu interesse essencial para nós: o enriquecimento que ela nos traz (id., ibid.).

Reproduz ele aqui um lugar comum que remonta a Madame de Staël, que em *De l'Allemagne* (1810) revelou aos franceses e ao mundo o florescimento referido no parágrafo anterior. Afirmou ela ser a Alemanha “uma terra de poetas e pensadores”, o que vem sendo repetido desde então com certa autocomplacência por numerosos alemães e aceito com credulidade por um número ainda maior de estrangeiros em todo o mundo.

As afirmações do preâmbulo são convenientemente ampliadas e fundamentadas no corpo do trabalho. Assim, afirma o autor que de 1450 a 1700 (época de “Renascença, Reforma, Barroco”),

enquanto na Itália, país de cidades florescentes, e na França, onde se desenvolve um estado centralizado e forte, a invenção da imprensa e a redescoberta da antiguidade determinam uma brilhante ‘Renascença’ literária, na Alemanha, ao contrário, esta é entravada e como que submersa pela Reforma (id., ibid., p. 17).

No capítulo IX, “A época contemporânea”, a própria designação – frequente em histórias de literatura – revela a insegurança em dar nome a um período tão recente (lembramos que o original é de 1948) e tão cheio de tendências como foram as primeiras décadas do século XX. Por outro lado, o capítulo X, “A atualidade”, faz um levantamento da literatura no período nacional-socialista e no pós-guerra.

Os escritores que permaneceram na Alemanha só puderam exprimir-se com muita prudência, o que estancou mais ou menos a sua produção, ou então assumiram, graças a suas ‘convicções’ conformistas, um posto que o futuro não lhes assegurará, sem dúvida (id., ibid., p. 131).

São apresentados tanto os conformistas quanto os autores do exílio. O procedimento das histórias literárias a esse respeito mudou bastante nos últimos anos e, da mesma forma, o elenco dos autores julgados dignos de figurar no cânone.

A “Bibliografia” relaciona cerca de três páginas de obras em alemão e francês, bem como “números especiais da *Nouvelle Revue Française, d'Europe, da Revue de littérature comparée, 1932*”. São fatos dignos de menção, uma vez que, com frequência, histórias literárias constituem repetição, sem base em pesquisa original; por outro lado, elas raramente incluem em sua bibliografia revistas, o que, no presente caso, vem dar testemunho do interesse de seu autor pelas ideias comparativistas na época da redação.

Dentre as histórias da literatura traduzidas para o espanhol, que parecem ter tido considerável circulação no Brasil, a julgar por sua presença em bibliotecas universitárias, destacar-se-ão aqui duas, por serem citadas com maior frequência pelos autores brasileiros: a *História de la literatura alemana* (KOCH, 1927) e *Épocas de la literatura alemana* (SCHNEIDER, 1956).

A história de Max Koch parece cultivar preocupações comparativistas e, nesse sentido, merece ainda ser lida. Para não mencionar apenas expressões que, implicitamente, remetem a comparações, como, por exemplo, quando fala das “robinsonadas alemãs” (KOCH, 1927, p. 166), ou seja, dos livros que se assemelham, reconhecendo-o ou não, ao *Robinson Crusoe* do inglês Daniel Defoe, veja-se este trecho:

Daniel Georg Morhof, de Kiel, poeta y hombre de múltiple saber, hizo preceder a su *Enseñanza de la lengua y de la poesía alemanas* (1682) una breve historia de la literatura, en la que declaró con satisfacción, que los alemanes habían llegado a la cumbre de la perfección, no teniendo nada que envidiar a los extranjeros. Al contrario de él, opinaban los franceses en 1674, como más tarde en 1740, **que no existían *beaux esprits* alemanes o moscovitas, que los poetas alemanes eran meros traductores, y que un poeta alemán, que crease algo notable de su propia invención, era imposible en la ruda naturaleza del Norte** (id., *ibid.*, p. 166s. Grifo nosso).

Além da competição entre as literaturas nacionais que tal trecho revela, e de um apreço implícito dos alemães pela tradução, que se opõe ao desprezo dos franceses pela mesma operação do espírito, a “rude natureza do norte” é invocada para justificar a falta de inventividade literária dos alemães. Madame de Staël, mais tarde, invocaria também razões geográficas – hoje, como então, discutíveis – para justificar o espírito das literaturas europeias, porém sua germanofilia a faz reverter a apreciação aqui citada por Koch.

Este, no entanto, assim referendava a citada opinião dos franceses: “Gottsched y el joven Klopstock se indignaron por esta afronta, de la cual lo peor era que, considerando lo producido hasta la sazón, no se podía tachar de injustificada” (id., *ibid.*, p. 167). Trata-se, na realidade, de uma referência à “vasta depressão”, já citada, que Angelloz enxergava no período literário hoje costumeiramente denominado “Humanismo e Reforma”, em que preocupações religiosas e panfletárias predominaram na Alemanha.

Hermann Schneider (1956)³, mais recente que Koch, é capaz de apreciar desenvolvimentos na historiografia literária. Na introdução, manifesta sua crença de que a literatura abandonou as concepções de evolução biológica de povo e raça, mas que mantém duas noções das ciências naturais – a do novo e a da época de florescimento. Para ele, a literatura alemã teve duas de tais épocas: a dos Hohenstaufen, imperadores alemães da alta Idade Média (SCHNEIDER, 1956, p. 30-56) e a do classicismo (id., *ibid.*, p. 103-118), no final do século XVIII. Nascido em 1886 e professor em Tübingen, universidade em que Wira Selanski – autora de duas das histórias da literatura alemã escritas no Brasil – estudou, Schneider foi provavelmente uma das influências na composição de seus

³ A base da tradução argentina foi, provavelmente: SCHNEIDER, H.. *Geschichte der deutschen Literatur*. Heidelberg: Carl Winter, 1943.

livros, como revela não só a sua presença na bibliografia da autora brasileira mas também a estruturação de ambas as suas obras (v. SELANSKI, 1959; id., 1997).

A LITERATURA ALEMÃ EM HISTÓRIAS DA LITERATURA UNIVERSAL

Obras que tentam sintetizar as grandes realizações da escrita existem há pelo menos mil e quinhentos anos. De início, essas obras traziam o conhecimento literário acompanhado de tudo o que se julgava apropriado à formação religiosa e profana da pessoa. Um exemplo são as *Institutiones*, de Cassiodoro (século VI d.C). Contudo, já no século IV d.C., São Jerônimo distinguia entre *litteratura*, o conjunto dos escritos pagãos da Antigüidade, e *scriptura*, o dos escritos cristãos. Representações panorâmicas de assuntos literários começaram a aparecer durante o Renascimento. As expressões “história literária” e “história da literatura” estão documentadas desde o século XVIII, na França e na Espanha, sendo que as bases teóricas da história literária foram desenvolvidas no final desse mesmo século, na Alemanha. A expressão “literatura universal”, no entanto, só surgiria no século XIX e se deve a Johann Wolfgang von Goethe. No dia 31 de janeiro de 1827, ele disse a seu secretário Johann Peter Eckermann:

Entendo cada vez mais [...] que a literatura constitui um bem comum da humanidade, que se manifesta em centenas e centenas de pessoas em toda parte e em todos os tempos. [...] No momento, falar em literatura nacional não significa muito, pois chegou a época da literatura universal, e cada qual deve agora atuar no sentido de apressar a vinda dessa época (ECKERMANN, 1958, p. 235).⁴

Por não definir com precisão o que entendia por literatura universal ou mundial, nem por época – o termo *Weltliteratur* admite ambas as traduções, podendo-se traduzir *Epoche* como um simples período ou uma fase de apogeu –, a frase de Goethe foi entendida das mais diversas maneiras. Embora não se lhe possa atribuir a fundação do gênero conhecido como história da literatura universal, o poeta alemão lhe deu um impulso significativo, cujos frutos se fizeram notar mais tarde. Quando idéias nacionalistas jogavam os povos europeus uns contra os outros na segunda metade do século XIX, as histórias da literatura universal preenchiam uma das funções da recém-fundada disciplina da Literatura Comparada, que era a de facilitar o conhecimento recíproco das nações separadas pelos conflitos. Embora até hoje projetos de grandes histórias da literatura universal não tenham desaparecido de todo, lançamentos do gênero são raros. As visões da totalidade perderam a atração, pois já ninguém acredita nas suas

⁴ “Ich sehe immer mehr, [...], dass die Poesie ein Gemeingut der Menschheit ist, und dass sie überall und zu allen Zeiten in hunderten und aber hunderten von Menschen hervortritt. [...] National-Literatur will jetzt nicht viel sagen, die Epoche der Welt-Literatur ist an der Zeit und jeder muss jetzt dazu wirken, diese Epoche zu beschleunigen” (ECKERMANN, 1958 [1835], p. 235, tradução nossa).

possibilidades harmonizadoras, privilegiando-se agora a visão especializada e os estudos fragmentados.

Uma pesquisa, mesmo que rápida, em algumas grandes bibliotecas revela que no Brasil da primeira metade do século XX as histórias da literatura universal em outras línguas (especialmente em espanhol) eram numerosas. As traduções encontram-se em menor número, sendo de destacar-se a tradução da *História da literatura mundial*, do norte-americano John Macy, feita por Monteiro Lobato para a Companhia Editora Nacional em 1938. Autores brasileiros também se aventuraram por essa seara, como Manuel Bandeira, quando professor na Universidade do Brasil; Estêvão Cruz e José Mesquita de Carvalho, que escreveram para a Editora Globo, de Porto Alegre; e G. D. Leoni, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Suas obras surgiram principalmente a partir da década de 30 e, quando não se destinavam ao uso das escolas normais (escolas secundárias voltadas à formação de professores), serviam para alimentar de material didático os alunos das novas faculdades de filosofia, ciências e letras, que então se criavam. Um caso à parte constitui a vasta *História da literatura ocidental*, de Otto Maria Carpeaux, quer pelo seu sucesso editorial (registrou, durante a vida do autor, duas edições, e várias outras no século XXI, quando caiu em domínio público), quer pela repercussão que obteve junto à crítica.

Discutir-se-ão várias das histórias mencionadas, tanto pelo destaque que conferiram à literatura alemã quanto pela negligência com que a trataram – sintomas, ambos, do conhecimento que ela havia alcançado em terras brasileiras. Serão incluídas também traduções de obras historiográficas estrangeiras, por se mostrarem reveladoras do que por aqui se lia. Examinam-se sempre os prefácios, a fim de se verificar o objetivo da produção, e destaca-se o tipo de organização do conteúdo, bem como a relevância conferida a alguns dos capítulos.

TOBIAS BARRETO, “TRAÇOS DE LITERATURA COMPARADA DO SÉCULO XIX” (1892)

Esse fragmento de estudo, cujo manuscrito data de 1887, foi incluído por Sílvio Romero na segunda edição de *Estudos alemães*, que anotou e publicou em 1892, três anos após a morte do autor⁵. Dois motivos despertam a atenção nesse texto. O primeiro refere-

⁵ A primeira edição dos *Estudos alemães* é de 1883 (Recife: Tipografia Central). Para o presente estudo, utilizou-se: BARRETO, T. Traços de literatura comparada do século XIX. In: Idem. *Estudos alemães*. [3.ed.] Aracaju: Estado de Sergipe, 1926. p. 121-235. (Obras completas, VIII).

se às circunstâncias da autoria: nascido no interior do Sergipe em 1839, em família de poucos recursos, Tobias Barreto de Menezes, após uma adolescência como professor de latim, conseguiu estudar Direito no Recife. Lá, torna-se o centro de um grupo de jovens intelectuais, entre os quais Sílvio Romero, que formaram a assim-chamada Escola do Recife. Esses literatos divulgavam as ideias do positivismo francês e do evolucionismo alemão, que constituiriam o ideário do realismo. Seguiu-se um período de dez anos em Escada, no interior de Pernambuco, onde Tobias viveu como jornalista e advogado e editou sozinho um jornal em língua alemã. Finalmente, como lente concursado da Faculdade de Direito do Recife, tornou-se um defensor das correntes leigas e liberais e um importante animador cultural. Faleceu em 1889⁶.

O segundo motivo da singularidade dos “Traços de literatura comparada do século XIX”⁷ refere-se ao próprio texto. Ao escrevê-lo, Tobias Barreto tenha, talvez, produzido o primeiro estudo literário explicitamente comparativo em terras brasileiras. E inspirou-se, para tanto, em um dos comparatistas mais ilustres da época, o dinamarquês Georg Brandes (1842-1927), cuja obra *Hauptströmungen der Literatur des 19. Jahrhunderts* (Principais correntes da literatura do século XIX, 1872-90) cita várias vezes a partir da tradução alemã. Num período em que as nações europeias se tornavam independentes, Tobias acreditava que “se ainda se dividem as opiniões, os interesses, as tradições nacionais, no cultivo único das letras tudo isso desaparece, as diferenças se atenuam, as antíteses se harmonizam...” (BARRETO, 1926, p. 123). Seus conceitos de comparatismo encontram-se hoje superados: “A literatura comparada é simplesmente uma pesquisa histórica das recíprocas influências, das ações e reações metaquímicas, que abalam os espíritos, em um dos vastos domínios da vida internacional” (id., ibid., p. 126). No entanto, tal não significa que o estudo de Tobias tenha perdido o interesse. Constitui, pelo contrário, leitura não só curiosa mas também de certo proveito para todo estudioso das literaturas europeias. Tal se deve não apenas à desenvoltura do autor no trato de seu objeto, mas também na habilidade e no senso de humor com que evita as armadilhas de um método que, nas mãos de outro, resultaria mecânico e insosso.

Apenas quatro literaturas constituem o objeto de estudo de Tobias: a alemã, a francesa, a inglesa e a italiana. Justifica a escolha o fato de que as demais literaturas europeias não haviam alcançado então o caráter de “universalidade” daquelas, o que fazia de seus autores “epígonos”, isto é, imitadores dos primeiros, os “prógonos”. Tobias toma desde logo algumas decisões práticas, que lhe encurtariam o caminho e lhe evitariam

⁶ Dados biográficos: MOISÉS, 2001; BOSI, 1988.

⁷ Doravante, “Traços”.

estudos demorados. Exclui a literatura inglesa, em que se sentia “menos seguro e desembaraçado” (id., *ibid.*, p. 125), e propõe limitar-se “à época transcorrida desde 1830 aos nossos dias”, i.e., o ano provável da redação, 1887 (id., *ibid.*, p. 126).

Como intelectual e professor – vale ressaltar que os “Traços” se destinaram originalmente a um curso particular de literatura –, Tobias não consegue cumprir à risca o que se propusera. Por uma questão de método, e de paixão pelo objeto, estende-se na definição de literatura, que para ele, “como ciência, é a história da vida espiritual de uma nação”, não se limitando às belas letras. Por outro lado, essa constitui apenas uma das dez seções preliminares, que deveriam constituir a pré-história do período que se propusera tratar. Tais seções acabaram tornando-se tudo o que temos da obra, interrompida justamente em 1830, ano de instauração da nova monarquia na França, que deveria ser o limite inicial do estudo.

No entanto, pelo menos quanto à literatura alemã, não é de lamentar-se a dedicação de Tobias a essas preliminares, pois sabemos que à morte de Goethe, ocorrida em 1832, seguiu-se, por um lado, a corrente “Biedermeier”, isto é, dos autores burgueses de valores domésticos, e por outro a “Jovem Alemanha”, de literatura panfletária, em que apenas um ou outro autor se destaca. Sendo confessadamente o seu *terminus comparationis* (id., *ibid.*, p. 135), a literatura alemã acaba sendo mais profundamente discutida por Tobias e é a ela que remete o desenvolvimento literário da França e da Itália.

Mas Tobias não se mostra apenas germanófilo – o que admitia – mas também conhecedor crítico das coisas alemãs. Veja-se, por exemplo, esta observação: “foram os franceses que, nos últimos decênios do século passado, revolucionaram as condições políticas e morais da sociedade. Mas é igualmente inquestionável que foram os alemães que reformaram as idéias literárias” (id., *ibid.*, p. 139). A força política representada pela Revolução Francesa se opõe à indecisão da Alemanha fragmentada em pequenos principados; a rigidez da produção poética dos franceses empalidece diante do vigor da poesia alemã do “Sturm und Drang”, do Classicismo de Weimar e do Romantismo.

Tobias divide a literatura alemã em duas grandes épocas, a antiga (quatro períodos) e a moderna (cinco períodos). Passaremos em revista algumas de suas apreciações a respeito dos três últimos períodos, que compreendem os “preparativos da maior florescência das letras tedescas” (1720-1770), a “florescência, no seu mais elevado grau, pelo reconhecimento da *humanidade*, como princípio ideal de ação prática e de educação poética” (1770-1830), e o “aproveitamento do existente e preferência dada às ciências naturais” (1830-1870). As citações mostram traços do positivismo no linguajar botânico que perpassa a descrição dos fenômenos literários.

Tobias considera Klopstock, Wieland, Herder e Lessing, todos do século XVIII, os “quatro evangelistas”, que anunciaram não só os românticos mas também o evento de Goethe e Schiller. Mas admite, do mesmo modo, que a importância seminal de um autor não lhe garante perenidade junto aos leitores. Assim, já não se leem Klopstock e Wieland, mas sim Herder e Lessing (observação que se mantém até hoje). E justifica:

O leitor não se espante desta *cruel* franqueza, que aliás é uma das formas da seriedade científica. A lei do *esquecimento*, que separa o verdadeiro gênio do simples talento, ainda mesmo verdadeiro, não se aplica somente a Wieland, a Klopstock, e alguns outros representantes das letras alemãs. Mais de uma notabilidade francesa obedeceu também ao seu império. Eu pergunto, por exemplo: para onde foram os versos de Lamartine? Quem os lê mais? Quem os saboreia? Quem os admira? Para onde foram os *Mártires*, para onde foi o *Gênio do Cristianismo* de Chateaubriand? – O fenômeno, que é o mesmo, tem a mesma explicação (id., *ibid.*, p. 149, nota de rodapé).

Em Immanuel Kant, Tobias reconhece a imensa contribuição de haver estabelecido para a filosofia os limites do que se pode conhecer. Segundo Kant, “Objetos sensíveis, nós só os conhecemos como eles nos aparecem, e não como eles são em si mesmos, objetos supra-sensíveis não constituem para nós matéria de conhecimento” (id., *ibid.*, p. 157). Assim, o que há na *Crítica da razão pura* “é uma formal condenação da metafísica como ciência [...]” (id., *ibid.*). Como um discípulo traído pelo mestre, Tobias lamenta não se haver Kant mantido sempre coerente com tal pensamento nas obras posteriores às três *Críticas*.

O ponto “em que se encontraram e começaram a confluir as duas literaturas, germânica e francesa” é, para Tobias, o “fim da época do *rococó*” (id., *ibid.*, p. 164). Rousseau é o gênio que opera esse milagre: nele se inspiraram tanto os franceses do final do século XVIII e início do XIX quanto os principais alemães, e “na Inglaterra *um só*, porém um que vale *cem*: Byron” (id., *ibid.*, p. 165). A supervalorização de Byron, estranha ao leitor de hoje, não o era na segunda metade do século XIX. Quanto a Rousseau, Tobias refere-se ao artista, não ao filósofo, atribuindo à *Nova Heloísa* (1761) a inspiração de Goethe para o *Werther* (1774) e o *Fausto*. Por sua vez,

essas idéias e sentimentos [das obras de Goethe] refluem para a França, e sobre o solo francês a onda chama-se *René*, *Obermann*, como mais tarde chamar-se-há *Delfina*, *Corina*, *Adolfo*, *Manfredo*, *Lara*, *Hernani*, *Ruy Blas*, *Lelia*, e como quer que mais se denomine toda a raça de melancólicos e descontentes, de que se povoou a literatura deste século (id., *ibid.*, p. 166).

A novidade da *Heloísa* de Rousseau consistiria em ter posto fim à galanteria típica do rococó, e ao modo oratório de conceber os sentimentos no classicismo. Por outro lado, a história apresenta como amantes personagens de classes sociais diferentes, “de onde se origina o conflito psicológico, ou o momento trágico da vida do inditoso par” (id., *ibid.*, p. 168).

Goethe e Schiller recebem destaque, e a escola romântica alemã, embora ostentasse talentos superiores, foi um “fiasco” (sic!), uma época de “experimentos, de incertezas, de exagerações” (id., ibid., p. 189). No entanto, teve também consequências positivas: a “romântica alemã foi menos fecunda dentro dos seus próprios limites do que fora deles” (id., ibid.). Entre seus resultados encontram-se a mitologia científica, a filologia e a lingüística comparada. Grande foi seu efeito sobre a música. Mas a contrapartida foi “a doença do século, a melancolia” (id., ibid., p. 173). O entusiasmo germanófilo de Tobias o faz criticar os alemães do período, valendo-se do enfoque comparativista a fim de atribuir o enfraquecimento da literatura à “falta de vitalidade indígena que se notava na arte alemã. [...] Os poetas alemães [...] forjaram de si mesmos uma consciência estética, **andando à cata de ideias [...] por toda parte [...], exceto na própria nação**” (id., ibid., p. 189, grifo nosso).

Tobias acredita ser Karl Marx, que falecera havia pouco na Inglaterra, “o mais valente pensador do século XIX, no domínio da ciência econômica”. Valoriza sobremaneira o papel das mulheres no romantismo alemão, como animadoras de salões literários. Como escritora, porém, destaca apenas Rahel Varnhagen. Era desconhecido, então, o fato de que vários escritores alemães assinaram as produções de suas esposas. Por outro lado, falando da literatura italiana, Tobias levanta questões históricas curiosas, como esta:

Mas fica sempre um problema, [...] o saber como foi que, tendo sido extinta em 1773, logo depois da profecia de Winckelmann, a companhia de Loyola [i.e., a da Sociedade de Jesus, dos jesuítas], a quem se atribuía uma força retardatária e paralisadora de todo o progresso, essa medida deu apenas resultados negativos, de modo que, por ocasião do restabelecimento da *Ordem* (1815), a Itália jazia exangue e cadavérica, não só pelo lado político, o que aliás achava seu fundamento nas guerras napoleônicas, mas também pelo lado literário, o que não tinha, como ainda hoje não tem, explicação razoável (id., ibid., p. 182).

A passagem mostra a postura crítica de Tobias em relação ao anticlericalismo, tanto o do século anterior quanto o do seu próprio. Em outras passagens, não lhe faltam toques de humor e ironia:

A ciência italiana é hoje uma viva realidade, uma digna companheira da ciência alemã. Companheira, e não rival, note-se bem, como sucede em grande parte com a ciência francesa, cujo maior empenho de honra é pôr-se em antagonismo com tudo que se pensa e escreve na Alemanha (id., ibid., p. 183).

Era a época da guerra franco-prussiana, que envenenava os espíritos.

Suas concepções de historiografia literária ficam bem exemplificadas na observação a seguir:

Quando se alarga o conceito da literatura a ponto de fazê-lo compreender um grande número de fenômenos, que à primeira vista parecem estranhos ao círculo das letras, corre-se o risco de cair em uma confusão caótica, se não se

opõe àquele alargamento o contrapeso de uma certa restrição e temperança, que consiste em apelar somente para nomes de primeira ordem, e ainda dentre estes, para os mais significativos. [...] / O que aqui importa não é saber quanto esta ou aquela nação pensou e escreveu, [...] mas saber o que escreveu, o que pensou de grande e aproveitável, que mereça incorporar-se ao patrimônio ideal da humanidade. / Daí resulta que não há mister de fazer desfilar, um por um, aos olhos do leitor, todo o exército *d'ecrivailleurs*, de que nenhuma nação está isenta. Bastam os generais, e mesmo assim, só alguns dos mais valentes (id., *ibid.*, p. 216s).

Com efeito, tais palavras poderiam servir de programa a histórias comparativas de literaturas, uma lacuna de que, passados mais de cem anos, ainda se ressentem os estudos literários. Considerando estas e outras características dos “Traços”, parece-nos injusto o tratamento dado a esse texto pela crítica, que o vê como mera compilação, quando não plágio da obra de Georg Brandes. O que dizer, então, dos historiadores dos grandes centros que se valem dos mesmos processos? Citando apenas os seus deslizes, esquisitices e apreciações subjetivas, em parte compreensíveis em quem jamais conheceu de perto o país cuja literatura estudava, Wilson Martins, por exemplo, atribui a Tobias Barreto “completa paralisação do espírito crítico em tudo o que se referisse à Alemanha” (MARTINS, 2002, v. 1, p. 240) e considera-o “um vulgarizador ingênuo, incapaz de julgar as suas fontes” (id., *ibid.*, p. 241)⁸. A essa acrimônia poder-se-ia contrapor o juízo brando de Otto Maria Carpeaux:

Quem se preocupa com o futuro da civilização brasileira lembrar-se-á, com gratidão, do que foi feito no passado para ampliar os horizontes intelectuais do país. Rerelará a página histórica escrita pela Escola de Recife. Admitirá que um Tobias Barreto, um Sílvio Romero pecaram, às vezes, pela insuficiência de informação (que lhes escondeu, p. ex., o hegelianismo) e pelo ardor polêmico que lhes desfigurou a visão. Mas foram beneméritos; e a continuação da sua obra, em outras bases, tem de ser uma reivindicação permanente da inteligência brasileira (CARPEAUX, 1999, p. 745).

Não é, realmente, o caso de se supervalorizarem os resultados obtidos por Tobias, nem muito menos o de se ressuscitá-lo para o presente; porém, como ficou demonstrado, são justamente seus defeitos e qualidades que constituem matéria de interesse para o estudo da historiografia da literatura alemã no Brasil. Do ponto de vista histórico-cultural, cabe-lhe o mérito de, à sua maneira e na medida de suas possibilidades, haver chamado a atenção para a cultura alemã em um ambiente de confessada francofilia e de haver contribuído para a diversidade literária no Brasil.

HISTÓRIAS DA LITERATURA UNIVERSAL

⁸ Cf., tb., do mesmo autor, *A crítica literária no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002, v. 2, *passim*; idem, *O ano literário: 2000-2001*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, p. 385-388; idem, *O ano literário: 2002-2003*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, p. 304-307; e SUCUPIRA, Newton. *Tobias Barreto e a filosofia alemã*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.

A principal obra que caberia nesta rubrica é a *História da literatura ocidental* (1959-1966), de Otto Maria Carpeaux. Editada duas vezes em vida do autor, e mais três no século XXI, essa obra já foi estudada inúmeras vezes em todos os seus aspectos, também pelo autor deste artigo. Remetemos, por isso, aos seguintes estudos: Souza (2020), Theobald (2008 e 2018) e Vilhena (2020)⁹. Nesta seção, ocupar-nos-emos de histórias menos conhecidas.

Uma das mais antigas do gênero no século XX é *Literaturas estrangeiras*, de F.T.D., sigla que representa o Frei Teodoro Durant (DURANT, 1931). É um compêndio didático que trata das literaturas antigas e modernas e reserva à literatura alemã 24 páginas (id., *ibid.*, p. 587-611). Correspondendo ao peso que lhe era atribuído no currículo oficial da época, mas também revelando a filiação literária do Brasil, enfatizada no ensino, tal espaço é inferior ao dedicado às literaturas grega e latina, portuguesa (id., *ibid.*, p. 145-336), francesa (id., *ibid.*, p. 336-465), bem como ao das literaturas italiana, espanhola e inglesa, que ocupam cerca de 40 páginas cada.

Apresentada em “lição única”, a literatura alemã segue o esquema das demais, iniciando-se por pinceladas a respeito de “meio, raça e momento na Alemanha”. Divide o estudo em quatro fases: “Desde as origens até a Reforma”; “Século XVI, de lutas religiosas”; “Séculos XVII e XVIII, época clássica”; “Séculos XIX e XX, romantismo e filosofismo [sic]”. Impressiona hoje o sectarismo de suas opiniões: “Lutero, o monge devasso e apóstata, tinha talento. Não falta quem lhe outorgue a este flagelo mais pavoroso do que Átila, o título de *criador da prosa alemã*” (id., *ibid.*, p. 588s.). A inclusão de São Pedro Canísio, SJ (1521-97), autor do catecismo alemão, que redigiu em latim, destina-se provavelmente a servir de contraposição ao Reformador.

Sobre Goethe, escreve: “Também sua melhor produção [sic], *Hermano e Dorothea*, epopeia idílica em 9 cantos [apresenta] grande beleza moral e forma perfeita” (id., *ibid.*, p. 592). Sobre Schiller: “É mais simpático do que este seu protetor [ou seja, Goethe]” (id., *ibid.*, p. 593). Ressalta aspectos católicos de Goethe e Schiller, ambos originários de famílias protestantes.

Os últimos autores mencionados por Durant são Erich Maria Remarque, Stefan Zweig e o hoje esquecido Kasimir Edschmid. Deixa os comentários por conta de Agripino Grieco, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) e Tasso da Silveira, críticos os dois primeiros e poeta o último, todos atuantes no jornalismo de tendência católica.

Revelando pouco conhecimento direto da literatura alemã, são de notar no autor o personalismo das opiniões e a fragmentariedade do discurso historiográfico. Conclui-se

⁹ O número 20, de 2020, da revista *Teresa*, da USP, é integralmente dedicado a Otto Maria Carpeaux.

que o texto foi apenas esboçado sob a forma de notas de aula, a serem, talvez, desenvolvidas oralmente, o que lhes dá maior utilidade para o autor do que para o consulente.

Esquemática é também a *História universal da literatura*, de Estêvão Cruz (1936), que tem propósitos similares à de F.T.D.: destina-se ao “uso das escolas” e segue “os programas oficiais vigentes”, como consta da folha de rosto. No entanto, é-lhe superior em praticamente todos os aspectos, que vão da redação à objetividade e à bibliografia, abundantemente citada dentro do próprio texto. O autor está cômico do que faz, e dos limites do seu empreendimento:

Todos nós sabemos quais as características de uma obra didática, principalmente de uma compilação deste gênero. / Há a considerar as fontes onde foram bebidos os conhecimentos, as autoridades onde foram colhidas as informações. Procurei, tanto quanto possível, consultar o que de melhor me pôde chegar às mãos, citando a cada passo, mais pelo probó desejo de tornar a exposição da matéria escoimada de dúvidas e de traçar a carta dos caminhos que palmilhei para chegar ao termo da minha viagem, que pela comodidade de entretecer uma colcha de retalhos [...] / Além das fontes, está o método. Não discuto se há ou não uma literatura universal, embora me pareça que haja nas literaturas de todos os povos um plano natural de começo de evolução literária, com períodos e fases que, pouco mais ou menos, encontram correspondentes em todos os meridianos e em todos os tempos (CRUZ, 1936, v. 1, p. 9).

Tanto baste para comprovar a seriedade do autor, um profissional do livro didático, como atestam os compêndios de filosofia, latim, linguística e vocabulário ortográfico de sua autoria ainda hoje disponíveis nas bibliotecas. “É um trabalhador incansável”, disse dele Érico Veríssimo, que assim o retratou:

Lá vai Estêvão Cruz, corpulento, rosto redondo e carnudo, de expressão simpática. Sua voz tem a música da prosódia pernambucana. É um ex-padre, homem inteligente, culto e bondoso – ainda não de todo afeito e alerta às traições do mundo. Sabe dar uma boa risada, gosta de contar e ouvir anedotas. Tem um curioso hábito: só escreve a mão e com essas canetas simples que os homens de nossa geração usavam na escola primária: as mais baratas, de madeira ordinária... (VERISSIMO, 1972, p. 60).

A literatura alemã é a última das literaturas modernas a ser tratada no livro de Cruz (CRUZ, 1936, v.2, p. 612-710). Seu estudo é precedido de um panorama da língua, em suas diversas fases. A literatura é apresentada segundo um esquema regular, que compreende seções de introdução do período (corrente ou escola); dos autores de destaque, trazendo de cada um deles a biografia, a bibliografia e a crítica; e do resumo das principais obras. O último autor apresentado é o dramaturgo naturalista Gerhart Hauptmann (1862-1946). Filósofos importantes, como Kant, Schopenhauer e Hegel, também são apresentados. Os historiadores Paul Fechter e Julius Wiegand aparecem com frequência no abono das opiniões.

Estêvão Cruz teve vida curta (1902-1936), morrendo no mesmo ano em que saía a *História universal da literatura*, “pela qual estudaram duas ou três gerações de jovens brasileiros” (MARTINS, 2002, v.1, p. 556). Foi possível localizar uma segunda edição, de 1939.

Outra edição da Globo foi a *História da literatura*, de José Mesquita de Carvalho (1940). O autor, nascido em Mariana, Minas Gerais, em 1901, residiu por alguns anos em Porto Alegre, produzindo numerosas obras didáticas e lecionando no Colégio Universitário¹⁰. Conforme consta da folha de rosto, é obra didática, como a anterior, “particularizada ao Colégio Universitário e aos cursos da escola normal”. Mais sucinta que a de Cruz, porque pretende favorecer a economia do aluno pobre, seu autor também reconhece o caráter compilatório da obra: “um trabalho de transcrições, de recortes, de arranjo de críticas, porém, dos melhores mestres que me têm orientado a ministrar a disciplina [...]” (CARVALHO, 1940, p. 5). E se o leitor tiver a impressão de reconhecer algo, já visto alhures, lerá o cauteloso aviso de que “entre o meu frasear vai muito do alheio” (id., ibid.).

Mas quem são os mestres que guiaram o autor? Na ausência de referências sistemáticas, à maneira de hoje, recorramos às notas de rodapé. Aí se encontram Bonald (escritor católico francês do século XIX), Latino Coelho, Sotero dos Reis (1800-1871, escritor e professor maranhense, autor de um *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, em cinco volumes), Henrique Perdigão, Estêvão Cruz, F.T.D. Ou seja, o compendiador, além de basear-se em predecessores antigos, copiava também os contemporâneos.

À literatura alemã são dedicadas 48 páginas (id., ibid., p. 434-482). Sua fonte, aqui, é, além do citado Henrique Perdigão, a tradução brasileira de Klabund (1936)¹¹. Preso ao programa oficial, o autor não consegue decidir-se a ignorar períodos menos importantes e destacar o que importa, aqueles nomes que o leitor terá oportunidade de ler e ouvir. Também abandona o critério de citar trechos, que adotara em relação às literaturas clássicas e à literatura brasileira.

As *Noções de história das literaturas*, de Manuel Bandeira, foram lançadas no mesmo ano, isto é, 1940. A primeira edição, em um volume, foi sucedida de várias outras. Em 1960, a quinta edição, ampliada, tinha dois volumes, o que comprova o sucesso da obra. Manuel Bandeira (1886-1968), poeta consagrado, professor no Colégio Pedro II e mais tarde na Faculdade Nacional de Filosofia, confessa-se, modestamente, um

¹⁰ Villas-Boas dá-o como “falecido” em 1974 (VILLAS-BÔAS, 1974).

¹¹ V. adiante, na presente subseção.

“compilador, nada mais”, que deseja “pôr ao alcance da inteligência e do bolso dos estudantes um conjunto de noções que só esparsas se encontram em livros grossos e caros de outras línguas” (BANDEIRA, 1960, p. 9). Tem o mérito de citar as fontes, embora não dentro do texto. No caso da literatura alemã, apresenta um resumo de leitura agradável (id., *ibid.*, v. 1, p. 265-89). Leitor de alemão, língua da qual fez belas traduções¹², aproveitou principalmente literatura secundária em outros idiomas: Scherer e Walzel (no original alemão), Max Koch (em espanhol), F. Bertaux, C. Bianquis (em francês), Klabund (em tradução brasileira), Mansueto Kohlen (*Panorama da literatura contemporânea alemã: 1918-1941*) e Otto Maria Carpeaux (*História da literatura ocidental*).

Em 1949 saiu a *Literatura universal: esboço geral de uma história comparada das literaturas*, de G. D. Leoni, que teve segunda edição em 1966. O título era promissor, assim como as credenciais de Leoni, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Mackenzie. Começava ele por criticar as mazelas das histórias da literatura universal então em circulação, citando nominalmente duas:

As piores obras no gênero, que tive ocasião de ver nesses últimos anos, são a ingênua *The Story of the world's literature* do norte-americano John Macy, e a capciosa *Evolución histórica de la literatura universal* do mexicano Arqueles Vela, que procura disfarçar o reduzido conhecimento da matéria com brilhante pompa de fácil erudição para evidente propaganda comunista (LEONI, 1949, p. 8).

O autor certamente não ignorava que o livro de Macy, de 1925, fora traduzido por Monteiro Lobato e já se encontrava em segunda edição brasileira (MACY, 1941). A obra se manteria viva, obtendo sucessivas reedições (id., 1967).

Como alternativa ao que critica nos outros, Leoni oferece uma obra que fica longe das intenções. Separa as literaturas nacionais para, em um único capítulo, que constitui adendo em relação ao todo, tentar estabelecer relações entre elas. A crítica dessa obra de uma perspectiva comparativista já foi realizada alhures (v. NITRINI, 1997, p. 187), de modo que aqui só nos resta fazer uma breve manifestação a respeito do capítulo referente à literatura alemã.

Resumida em apenas 14 páginas, inicia-se a história da literatura alemã com esta observação:

Júlio César e Tácito, em suas primeiras sumárias notícias sobre os povos da Alemanha, afirmam terem estes um **prazer instintivo pela violência**, profundo senso de honra e alto respeito pela hospitalidade. As três características se refletem na literatura alemã sob forma de contrastes, de **magniloquência** e de mitos. É com efeito uma literatura pouco homogênea, cheia de reações, com personalidades isoladas e sem discípulos; uma literatura, em suma, cujo conteúdo oscila entre o sistema filosófico de Kant e as fábulas

¹² BANDEIRA, M. *Poemas traduzidos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d..

de Grimm: também a lenda deve ser complexa e formidável, e o grandioso é amiúde pueril (LEONI, 1966, p. 123. Grifo nosso).

A referência ao “prazer instintivo pela violência” parece orientar-se pelos acontecimentos recentes – a Segunda Guerra Mundial – e não por qualquer possibilidade objetiva de transferir tal generalização para a literatura. Leoni, porém, tenta fazê-lo quando, em outra página, afirma: “é o contraste com o Cristianismo que faz surgir obras mais importantes: **modera-se um pouco o espírito belicoso** [...]” (id., ibid., p. 124, grifo nosso). O *Nibelungenlied* encontra-se “cheio daquela mitologia complicada e simbólica, dramática e sanguinária [...] que chegará até Wagner” (id., ibid., p. 125). Por outro lado, sua exposição não encontra espaço para as vozes críticas que surgiram dentro da Alemanha em relação à tradição. No capítulo final, “Esquema geral de uma história comparada das literaturas”, como momento de contribuição alemã à literatura universal é destacado tão-somente o romantismo.

Para encerrar o presente item, seja mencionada aqui brevemente uma história da literatura universal traduzida. Trata-se da *História da literatura*, de Klabund (1936), pseudônimo literário do poeta expressionista alemão Alfred Henschke (1890-1928)¹³. O “Prefácio”, da Editora Phaidon (Londres, Paris, Zurique), enfatiza aspectos internacionais da literatura alemã, “comparável a uma árvore que tem raízes profundas no solo alemão, mas cujo tronco e cuja copa ajudam a suportar o firmamento geral. Há um solo alemão, mas o firmamento é comum a todos os povos” (KLABUND, 1936, p. V). O primeiro capítulo, “Origens”, revela convicções religiosas: “A arte literária vem de Deus e nele termina” (id., ibid., p. 9). Apesar dessa afirmação, a obra não agradou a Frei Mansueto Kohnen, que, em conferência sobre a literatura alemã à Academia Brasileira de Letras, a incluiu explicitamente em um rol de histórias da literatura que, de propósito, não mencionavam os autores católicos (KOHLEN, 1941).

Merece registro o fato de ser esta uma das primeiras histórias da literatura alemã a incluir o nome de Franz Kafka, talvez uma atualização editorial do penúltimo capítulo, “Passado recente e época atual”: a editora se permitiu “vastos aditamentos [...] na literatura dos últimos tempos” (id., ibid., p. VII)“, sendo que a literatura alemã recebeu “a maior ampliação” (id., ibid.). Eis o texto sobre Kafka: “Francisco [sic] Kafka (1883-1924), que faleceu jovem e foi um narrador exato na novela *O fogueiro* e no romance *O castelo*, que lembra as fantasmagorias de Strindberg, é o mais notável escritor de Praga” (KLABUND, 1936, p. 265). Além de não mencionar textos hoje emblemáticos como *A metamorfose* e *O processo*, do ponto de vista atual, é informação escassa sobre um dos

¹³ Uma apreciação de Klabund como poeta encontra-se em Carpeaux (1966, v.7, p. 3146).

escritores mais influentes da literatura universal. No entanto, nenhuma das demais histórias brasileiras havia apresentado Kafka até então. Constitui fato meritório adicional esta tradução ter saído um ano antes da espanhola, publicada pela Labor, de Barcelona, em 1937.

CONCLUSÃO

Sintetizando os traços genéricos das formas historiográficas anteriores a 1964 abordadas neste artigo, constata-se que os problemas da historiografia literária e da literatura comparada se colocaram, para elas, de um modo peculiar.

A autoria de todas as histórias da literatura alemã traduzidas no período é individual. A abrangência do propósito tende a relegar para segundo plano a opinião do historiador, e a citação de fontes confere credibilidade e contribui para ocultar as opiniões pessoais. Estas estão mais visíveis na concepção das obras, nos critérios de seleção do cânone do que em críticas ou elogios diretos aos autores e às obras. Embora o procedimento compilatório se denuncie vez por outra, as histórias traduzidas se mostram, em sua maioria, informadas a respeito dos avanços da crítica, raramente se observando listas de autores sem um contexto. Mostram-se, também, conscientes dos procedimentos comparativos. Nesse sentido, são frequentes observações sobre as peculiaridades geográficas, histórico-políticas e culturais dos países de língua alemã.

Quanto ao trabalho de mediação, constata-se que as editoras das histórias traduzidas, em geral do Rio de Janeiro e São Paulo, realizaram a dupla tarefa de selecionar os originais (o que explica a boa qualidade e relevância dos trabalhos) e de aproximar os produtos estrangeiros do leitor brasileiro. Os tradutores, em geral desconhecidos para o leitor de hoje, raramente acrescentaram notas, abstendo-se de opinar sobre a obra que traduzem. O principal estímulo para o lançamento das traduções parece ter sido o público das escolas secundárias e os novos estudantes das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. A demanda desse público foi atendida, e com relativo sucesso, como atestam as reedições de várias das obras traduzidas. Além disso, se observarem as referências, os próprios professores e autores brasileiros fizeram parte do público leitor das histórias traduzidas, que foram citadas e copiadas, chegando a influenciar nitidamente o material histórico e didático produzido no Brasil.

Nas histórias da literatura universal produzidas no Brasil manifesta-se uma clara dependência do material historiográfico estrangeiro. A periodização, estruturação, escolha do cânone e avaliações são claramente calcadas nos modelos europeus, sendo

excepcionais os autores que, como Otto Maria Carpeaux, oferecem reflexões historiográficas e críticas originais embasadas na pesquisa. A sumarização é usada amplamente. Apresentar-se modestamente como um compilador é recurso retórico frequente dos historiadores brasileiros. Tal fato não os impede de recorrerem à primeira pessoa para manifestarem opiniões e preferências pessoais.

As formas analisadas neste primeiro período da produção historiográfica brasileira sobre a literatura alemã – as histórias traduzidas e as histórias da literatura universal – coexistem com as primeiras histórias autônomas. Se as traduções revelam ao mesmo tempo o nosso desejo de conhecimento e a nossa dependência, as histórias da literatura universal são devedoras de uma concepção de que um único indivíduo, assumindo uma tarefa pantagruélica, ainda é capaz de salvar-nos do caos que representa o conhecimento desorganizado. Com poucas exceções, resultam obras sumárias, de valor escasso para a formação do leitor consciente. Independentemente das restrições que se possam fazer-lhes hoje, todas as obras e autores aqui analisados apresentam um potencial de expressão sobre as características do ambiente intelectual brasileiro. Nesse sentido, guardam um interesse que ultrapassa a época e as limitações de sua produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELLOZ, J.-F. **A literatura alemã**. Trad. Carlos Ortiz. São Paulo: Difel, 1956.
- ANGELLOZ, J.-F. **La Littérature allemande**. Paris: PUF, 1948.
- BANDEIRA, Manuel. **Noções de história das literaturas**. 6.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1969. 2 v.
- BARRETO, Tobias. Traços de literatura comparada do século XIX. *In: Estudos alemães*. [3.ed.] Aracaju: Estado de Sergipe, 1926. (Obras completas, v. 8). [1892].
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaio reunidos: 1942-1978**. Org., introdução e notas Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: UniverCidade; Topbooks, 1999. v. 1.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1966. 7 v.
- CARVALHO, José Mesquita de. **História da literatura mundial**. Porto Alegre: Globo, 1940.
- CRUZ, Estêvão. **História universal da literatura**. Porto Alegre: Globo, 1936. 2 v. [2.ed. 1939].

DURANT, Frei Teodoro. **Literaturas estrangeiras**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

ECKERMANN, Johann Peter. **Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens**. Berlin: Deutsche Buch-Gemeinschaft, 1958 [1835].

F.T.D. [ver DURANT, Frei Teodoro].

HENSCHKE, Alfred [ver KLABUND].

KLABUND [pseud. de HENSCHKE, Alfred]. **Historia de la literatura**. Trad., notas Ernesto Martinez Ferrando, Juan Viñoly e José M. Quiroga. Barcelona: Labor, 1937.

KLABUND. **História da literatura**. Trad. Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Guanabara, 1936.

KOCH, Max. **Historia de la literatura alemana**. Trad. Carlos Riba. Barcelona: Labor, 1927. 2 v.

KOHNEN, Frei Mansueto. Panorama da literatura contemporânea na Alemanha, de 1918 a 1940. **Vozes de Petrópolis**, Petrópolis, ano 35, set. 1941, p. 708-716; out. 1941, p. 770-780; nov. 1941, p. 847-857.

LEONI, Raul de. **Literatura universal**: esboço geral de uma história comparada das literaturas. São Paulo: Sonora, 1949. [Nova ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.]

MACY, John. **História da literatura mundial**. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Nacional, 1938. [5.ed. rev. por Lula Margarido, 1967].

MARTINS, Wilson. **O ano literário**: 2002-2003. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MARTINS, Wilson. **O ano literário**: 2000-2001. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002. 2 v.

MARTINS, Wilson. **Pontos de vista**: crítica literária. São Paulo: Queroz, 1991-2001. v. 1-14.

MOISÉS, Massaud (Org.). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 6.ed., atualizada. São Paulo: Cultrix, 2001.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. São Paulo: Edusp, 1997.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. **A literatura alemã**. São Paulo: Queroz; Edusp, 1980.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. **Introdução à literatura alemã**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; São Paulo: Edusp, 1968.

SCHNEIDER, Hermann. **Épocas de la literatura alemana**. Trad. Rodolfo E. Modem. Buenos Aires: Nova, 1956.

- SELANSKI, Wira. **Fonte – Correntes da literatura alemã**. Rev. de Álvaro Alfredo Bragança Jr. Rio de Janeiro: Velha Lapa, 1997.
- SELANSKI, Wira. **Épocas de literatura alemã**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *História da literatura ocidental: gênese, fundamentos e peculiaridades*. **Teresa**, 1(20), 100-118. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2020.165960>.
- SUCUPIRA, Newton. **Tobias Barreto e a filosofia alemã**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.
- TAVEIRA Jr., Bernardo (Org.). **Poesias alemãs**. Sel. e trad. Bernardo Taveira Júnior. Porto Alegre: Tip. Deutsche Zeitung, 1875. [2.ed., corr., aum. Porto Alegre: Gundlach, 1884].
- THEOBALD, Pedro. A *História da literatura ocidental* de O. M. Carpeaux e a crítica de Wilson Martins. **Letrônica**, 11(3), s140-s145. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2018.s.31337>.
- THEOBALD, Pedro. **Formas e tendências da historiografia literária: o caso da literatura alemã no Brasil**. 2008. Tese (doutorado em literatura comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**. Porto Alegre: Globo, 1972.
- VILHENA, G. M. S. Perspectivas da interpretação: Carpeaux e sua fortuna crítica. **Teresa**, 1(20), 348-375. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2020.167539>.
- VILLAS-BÔAS, Pedro. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.